

Un noyau asème au coeur du langage.

Algumas notas em torno da presença do discurso lacaniano na obra de Pascal Quignard

Cristina Alvares (Universidade do Minho)

Uma das características mais salientes da obra de Pascal Quignard é a de, no seio de uma erudição imensa onde confluem uma multiplicidade de textos de diferentes tempos, lugares e géneros, mobilizar os grandes discursos críticos contemporâneos para pensar o fenómeno humano. O uso que Quignard faz destes discursos, nomeadamente o psicanalítico e o antropológico, é uma componente da sua poética do fragmentário e do descontínuo: ele isola e apropria-se explicita ou implicitamente de termos, postulados, segmentos de teorias, que desloca e redefine em função das estratégias narrativas e especulativas das suas ‘ficções críticas’. A referência explícita do sórdido ao objecto *a* de Lacan, na entrevista a Chantal Lapeyre-Desmaison (2001:182) e em *Sordidissimes* (2005:49), é disso um exemplo recente – ainda que a reapropriação polémica do discurso lacaniano em torno de temas maiores como a linguagem, o sexo, o real, a escrita e a própria psicanálise atravesse toda a obra de Quignard pelo menos desde *Carus* (1979). É minha intenção focar o diálogo de Quignard com Lacan em torno dos conceitos de linguagem e de letra, a fim de precisar a elaboração quignardiana destes conceitos e a(s) linha(s) teórica(s) e epistemológica(s) que lhe servem de matriz, numa direcção ‘epistemocrítica’ recentemente inaugurada nos estudos quignardianos por Chantal Lapeyre-Desmaison¹, Jean-Louis Pautrot (2003, 2007) e Dominique Rabaté

¹ *Pascal Quignard entretient en effet avec la psychanalyse des relations problématiques qui concourent dialectiquement — c’est là mon hypothèse — à l’élaboration de l’oeuvre, d’une manière plus profonde que ne le ferait une simple présence citationnelle. Une pensée neuve surgit en effet de cette fréquentation, qui fournit également un modèle fictionnel productif (...) Cependant, on ne peut parler d’adhésion pleine et entière à la psychanalyse, quelle que soit son obédience. Pascal Quignard ne fait pas allégeance à ce*

(2008). Não se trata de classificar o autor, de lhe determinar uma posição epistemológica e/ou ideológica, mas de traçar coordenadas e identificar tendências, inflexões e hesitações do seu pensamento. A obra de Quignard apresenta-se como ‘récapitulation hétéroclite de ce qui échappe aux grandes recensions légitimantes et exclusives’ (Pautrot, 2007:66). Contrariando uma percepção homogênea, categorial e totalizante da experiência humana, ela permanece aberta, parcelar e parcial, mas nem por isso deixa de ter um *Telos* – ‘ponto de ancoragem do pensamento que aí se define’ (Rocha, 2008:132).

Numa entrevista a Jean-Louis Pautrot, Quignard afirma que o que o aproxima de Lévi-Strauss e do estruturalismo em geral é a busca de uma ancoragem natural da cultura e da literatura.

J.-L.P. Nous en venons à Claude Lévi-Strauss, envers qui vous avez reconnu « une dette toute littéraire » dans vos entretiens avec Chantal Lapeyre-Desmaison, et à propos de qui vous avez aussi écrit de belles pages dans ‘Critique’. Désaffection pour le sujet, la conscience, la philosophie, mesure de l’emprise de la langue sur l’humain, réflexion sur les relations du discontinu au continu : il me semble que votre quête vous rapproche de lui, et sans doute de la mouvance structuraliste en général, en ce qu’elle serait la recherche d’un ancrage naturel de la culture et de la littérature.

P.Q. Oui. Absolument, oui. (Pautrot 2004; eu sublinho)

É no âmbito desta procura que a apropriação do discurso de Lacan toma um relevo interessante e problemático na medida em que a teoria lacaniana postula a exterioridade e a prioridade (onto-lógica) da linguagem (Verbo) em relação à natureza (criação). Daí resulta um sujeito definido como ‘manque-à-être’, cuja *ex-sistência* se situa ao nível transbiológico do simbólico², a inexistência de objecto (empírico) imanente ao desejo, a regulação da sexualidade humana não pelo instinto mas pela pulsão, não pelo prazer mas pelo gozo (para lá do princípio do prazer). Isto não quer

corps doctrinaire. Mais, qu’elles relèvent de l’adhésion ou du refus, les références à la psychanalyse constituent toujours chez lui un principe d’élaboration dynamique (Lapeyre-Desmaison2004).

² *C’est ce que le structuralisme moderne a su préciser le mieux, en montrant que c’est au niveau de l’alliance, en tant qu’opposé à la génération naturelle, à la lignée biologique, que son exercés les échanges fondamentaux – au niveau donc du signifiant – et c’est là que nous retrouvons les structures les plus élémentaires du fonctionnement social, à inscrire dans les termes d’une combinatoire* (Lacan,1966:277).

dizer que não haja relação do homem com a natureza mas que essa relação só passa pela mediação da linguagem que instaura uma descontinuidade insuperável no desenvolvimento biológico (castração). Para Lacan a natureza é a natureza da física matemática galilaico-newtoniana, a natureza esvaziada da substância própria da *physis* antiga, sem morfologia nem qualidades sensíveis, pura *materia extensa*:

Pour faire notre science, c'est pas dans la pulsation de la vie que nous sommes entrés, non. Nous avons fait jouer des petites lettres et des petits chiffres, et c'est avec ça que nous construisons des machines qui marchent, qui volent, qui se déplacent, qui vont très loin (Lacan, 2005 :43).

A pergunta inevitável andar­á portanto em torno da presença do léxico lacaniano - objecto *a* (modelo do sórdido), letra (no âmbito da antinomia oral-escrito), falo (órgão e símbolo) - numa obra que busca na natureza o fundamento da cultura e da literatura. Nesta medida, o texto quignardiano pode ser abordado como um campo de tensão entre duas linhas epistemológicas que orientaram o estruturalismo em direcções divergentes: a naturalista - 'le structuralisme réintègre l'homme dans la nature', escreve Lévi-Strauss na 'Finale' de *L'homme nu* – e a criacionista, representada por Lacan: o significante cria o sujeito *ex-nihilo*. Nesta é o Verbo que cria; naquela a *Physis*.

A linguagem

Tanto Lacan como Quignard tomam a linguagem e o sexo como os dois pólos entre os quais se desenrola o drama humano. Ambos pensam que a linguagem é menos um instrumento de comunicação, uma ferramenta disponível, do que a causa de um mal-estar essencial. Ambos consideram que este mal-estar é de natureza sexual (a castração, o sacrifício da vida à linguagem). Encontramos em Quignard a ideia lacaniana de que a linguagem tem uma acção negativizante sobre o ser que o esvazia da sua substância (*ombres errantes, Ersatz*) ao mesmo tempo que suporta a sua identidade e o defende da desapropriação ou destituição subjectiva causada pelo 'abandono ao vazio' ou 'stupor'.

Mas encontramos também reflexões de Quignard sobre a linguagem que lançam uma objecção de fundo sobre uma tese central do estruturalismo: a da exterioridade e prioridade da linguagem (estrutura) sobre a vida humana (o fenómeno).

Na entrevista que lhe fez em 2001, Chantal Lapeyre-Desmaison, coloca-lhe a seguinte questão :

- Vous opposez souvent deux mondes, deux temps : un temps de ‘non-parlance’, hors langage, et un second temps lié à l’entrée dans le langage. Mais le langage et la langue ne sont-ils pas toujours déjà là ? (Lapeyre-Desmaison, 2001:101)

A pergunta confronta dois postulados: o de Quignard, de um estado subtraído à linguagem, e o estrutural/ista da linguagem como ordem significante que precede e prevalece sobre o sujeito (ordem simbólica, Outro). O ‘toujours déjà’ derrideano vem reforçar a sincronia puramente (topo)lógica da estrutura e substituir à origem e à cronologia o *là* do espaço : ‘Au début, c’était pas l’origine, c’est la place’, diz Lacan (2005:12). Para Lacan, é a própria linguagem que produz retroactivamente o fantasma uterino de um estado original pré-linguístico e pré-cronológico: a Coisa. Mais, Lacan afirma que antes de nascer, o bebé já existe para o desejo do Outro que, ao enunciar discursos sobre o seu nome e sexo, o insere na ordem simbólica e lhe confere um estatuto existencial que ultrapassa os limites biológicos do nascimento e da morte. Ora, a resposta de Quignard objecta claramente a esta percepção da relação entre linguagem e vida e inverte a relação de prevalência entre os 2 termos:

Non. Dans la société, la langue du groupe est antérieure à notre existence mais, dans l’humain, le langage et la langue ne sont pas toujours là. À l’instant du coït ils ne sont pas là. Dans la conception, non plus. Dans l’embryogenèse, non plus. Dans la foetalisation, non plus. Dans la parturation, même si nous commençons à y être nommés, pas vraiment. Dans l’infantia, même si nous commençons à imiter et gazouiller ce que nous cherchons désespérément à lire sur les lèvres nourricières, pas tout à fait. Dans la nuit et les rêves, non. Dans la souffrance extrême, non. Dans le plaisir génital et ses râles, non. Dans la mort et son expiration, non. (Lapeyre-Desmaison, 2001:101).

Depois de distinguir humano e social, Quignard enumera os momentos da vida humana em que o sujeito não fala. Esses momentos caracterizam-se por uma forte

intensidade sensorial : o sexo (mencionado duas vezes), a morte, o sonho, a dor ; e de etapas e operações do desenvolvimento biológico: concepção, embriogénese, fetalização, parto. O que se salienta aqui é o corpo, o organismo, a substância viva na sua imanência sensível, o *soma* e o *pathos*. Quignard define o ser humano não como ser falante (*parlêtre*) mas como ser vivo: ‘Nous ne sommes pas du parlant à qui arriverait incidemment de se taire. Nous sommes du non-parlant qui parle’. (in Lapeyre-Desmaison, 2001: 102).

Os processos puramente físicos/fisiológicos ou biológicos fazem da linguagem uma formação inconsistente, precária, desfalecente. Quignard acrescenta de seguida : ‘Nous sommes un défailir du langage acquis. Nous sommes sous la menace d’une défaillance sans cesse possible du langage jamais tout à fait acquis’. (Lapeyre-Desmaison, 2001 :102). O nosso ser – ‘nous sommes’ – só é de linguagem na medida em que esta falha e desfalece. Ora, tal desfalecimento deriva do facto de a linguagem não ser original, inata, dada: nós não nascemos a falar, nós aprendemos, adquirimos a nossa língua. E, como todo o adquirido, por muito que nos identifiquemos com a nossa língua, por muito que a nossa substância seja significativa, estamos sujeitos a perdê-la. É o que acontece quando esquecemos uma palavra (*nom sur le bout de la langue*):

Qu’un mot puisse être perdu, cela veut dire: la langue n’est pas nous-mêmes. Que la langue en nous est acquise, cela veut dire: nous pouvons connaître son abandon. Que nous puissions être sujets à son abandon, cela veut dire que le tout du langage peut refluer sur le bout de la langue. Cela veut dire que nous pouvons rejoindre l’étable ou la jungle ou l’avant-enfance ou la mort (1993:58 ; eu sublinho).

O lapso mostra que o nosso ser linguístico é, para Quignard, parcial e secundário, *a posteriori*, adquirido. A língua não é a nossa natureza. Quignard dá assim uma guinada ao postulado lacaniano da heteronomia (alteridade e exterioridade) da linguagem em relação ao homem: ela é de facto algo de estranho ao homem mas esta estranheza não lhe vem de ser *a priori* mas, precisamente, de ser *a posteriori*: o ser vivo conheceu e perdeu um estado anterior ao (seu) advento da/na linguagem – estado a que

Quignard dá várias designações, uma das quais é o *jadis*. Deste estado persiste inalterável em nós um resto que objecta à conversão integral do ser em palavra, em significação, em valor. Na entrevista com Lapeyre-Desmaison, o autor localiza a parte linguística e a parte não-linguística do homem:

Notre âme est tout entière langue, mais nous ne sommes pas qu'âme. Nous ne sommes pas qu'occupation culturelle. De l'origine, de l'a-parlance, de l'abîme, du corporel, de l'animal, de l'insublimable persistent en nous (Lapeyre-Desmaison, 2001:102)

Esta percepção da condição humana tem com a de Lacan uma relação simultaneamente de convergência e de divergência que sintetizo assim: a convergência está no facto de o sujeito não estar todo (*pastout*) no simbólico; o inconsciente não é exclusivamente um 'ça parle', ele é também um 'ça se tait'. É essa parte de gozo subtraída à articulação significativa (*livre de chair perdue*) que o objecto *a* circunscreve. A divergência reside no facto de Lacan rejeitar a dimensão original, animal e abissal desse resto insublimável. Lacan concebe o objecto *a* como um excesso (algo sem lugar na estrutura) que cava no *logos* o abismo do infinito, desarticulando a relação estrutural. Esta abertura da estrutura ao infinito pode ser aproximada do abismo quignardiano, sendo certo, porém, que o infinito lacaniano resulta de que o efeito (*petit a*) excede a causa (significante) enquanto que o abismo quignardiano é a causa enquanto origem. Aquele que, como Boutès, se atira de cabeça no vazio vertical que o separa do mar - a água do *jadis* -, é movido pelo 'élan vers l'animalité antérieure' (Quignard, 2008:28), cujo modo visual é a cena sexual invisível e cujo modo sonoro é o canto das sereias: O canto das sereias é a música nua, a música que se despiu da melodia e da harmonia – o som sem o sentido - e que soa como protosemântica bio-orgânica (Quignard2008:86).

Enquanto que o gozo *a* que o objecto *a* dá forma corporal é produzido pelo significante *ex-nihilo*, o gozo materializado no *sordes* é memória ou traço da viviparidade (Quignard, 2002:86). O *plus de jouir* (pequeno gozo a mais) é resto do jogo significativo, o *sordes* é resto do gozo uterino de *jadis*. Note-se que, para Quignard,

o gozo é sexual na medida em que é uterino, imediato, maciço, anterior à castração (Quignard, 2002^a: 55). Para Lacan, o gozo é sexual na medida em que resulta da castração. O *sordes* é um pequeno nada que ficou da perda de um estado de plenitude original, anterior à alienação à linguagem. Ora, o que Lacan fez foi combater as concepções arcaizantes e instintuais do inconsciente que, como a de Jung, tomam o recalçado e o compulsivo como resíduos de uma *arché*. Assim, ‘o objecto que não é deste mundo’ (Quignard, 2005:49) tem sentidos diferentes, conforme se trate do *sordes* ou do *petit a*. O primeiro não é deste mundo porque pertence ao mundo anterior à linguagem e ao tempo; o segundo não é deste mundo porque não é um objecto empírico mas sim o contorno do negativo que a linguagem introduz no real e, como tal, está afectado de transcendência.

A letra

Depois do *Nom sur le bout de la langue*, Quignard escreve *Le sexe et l’effroi e Rhétorique Spéculative*. Dedicados respectivamente à pintura e à literatura romanas, estes *traités* aprofundam, num quadro greco-latino de referências e saberes, a tese da continuidade essencial entre humano e animal - *l’ inconscient est le mot récent pour dire l’animalité qui fait souche* (Quignard, 1994:206) -, na qual a predação desempenha um papel crucial: *la chasse est le passage incessant de l’animalité à l’humanité* (1994 :213). *Rhétorique Spéculative* apresenta um cenário antropogenético (hominização) que reinterpreta o mito freudiano do parricídio primordial. Esta reinterpretação nada deve a Lacan. Lacan elimina o acto do parricídio propriamente dito para se centrar apenas no Pai Morto, o pai sempre já morto, considerado apenas na sua função simbólica de representante privilegiado da prioridade da linguagem, e do seu efeito mortificante, sobre a vida. A versão de Quignard, pelo contrário, inspira-se dos

naturalistas: Serge Moscovici é uma referência explícita, René Girard é uma referência implícita. Ao optar por teorias desta ordem, Quignard afasta decisivamente a tese lacaniana da primazia do significante.

Na versão alinhada com a de Moscovici em *La société contre nature*, o que a horda faz não é matar o pai mas é ‘cinegetizar-se’. Depois de descrever a ordem social dos primatas composta por um centro, ocupado pelo macho dominante, as fêmeas e as crias, e por uma periferia habitada pelos jovens machos (a horda), Quignard escreve:

Les mâles que leur situation périphérique exposait à la prédation sont allés vers les proies qui les menaçaient et en sont devenus les partenaires. Une proie convoite une proie et la dispute à d'autres. Telle est la source de l'humanité : prédation imitée (1995 :38-9).

Quignard enfatiza os comportamentos que relevam da semelhança como o mimetismo e a identificação, donde resultam os conflitos. Daí o espanto que lhe causou a frase de Lévi-Strauss segundo a qual a semelhança é apenas um caso particular da diferença. Em *L'étreinte fabuleuse*, Quignard examina a divergência entre o axioma estruturalista do primado ontológico da diferença sobre a identidade (e do descontínuo sobre o contínuo) e o cenário do mimetismo cinegético em que opera ‘o desejo de se apropriar dos seres idênticos’. A referência à noção de desejo mimético de René Girard é aqui implícita mas incontornável. Já em *Petits Traités I*, Quignard tinha apresentado uma versão do mesmo cenário arcaico, claramente inspirada de Girard, na qual o sacrifício de uma vítima qualquer – todos contra um – apazigua temporariamente a rivalidade mimética que dilacera os caçadores imitadores de predadores/presas – todos contra todos (1990:476-81). Ao juntar Moscovici e Girard, Quignard põe em destaque a função da predação na violência mimética: os homínídeos imitam o que os devora/o que devoram – ‘la gueule grande ouverte des fauves’ -, a imitação funda-se na *ananké*, na fome, na voracidade da vida. As presas são o pai-que-alimenta: os proto-humanos comiam o pai; não o pai/macho dominante/chefe da horda, como no mito freudiano,

mas a presa-pai. Deste modo, a predação está na origem do rito sacrificial. Quignard constroi assim um cenário *antropomorfogenético* onde confluem Freud, Girard e Moscovici. E ainda Lacan, se atentarmos na torção naturalista que o escritor dá à noção de metáfora paterna: a paternidade é uma metáfora, sim, mas não porque ela releve exclusivamente do verbo e da esfera da significação. Pelo contrário, se o pai é a presa que alimenta, então a paternidade perde a sua natureza simbólica e releva da imanência vital: o pai não dá o nome, dá a vida ; não é o significante que projecta a vida num plano transbiológico, é a substância que satisfaz a fome; não é o totem, é um animal que se mata e que se come. A metáfora paterna não está no significante, está no instinto (do mesmo modo, *Le sexe et l'effroi* nega que o falo seja um significante: o falo é *physis*, não *logos*). Note-se que esta confluência de quatro teorias não é uma síntese mas antes uma interacção que, fazendo-as 's'entrechoquer ou s'harmoniser en des points inattendus, comme pour souligner les limites de tout discours de savoir' (Pautrot, 2007:69), revela fronteiras e fracturas..

Ao deslocar a actividade da horda do centro (parricídio) para as margens (predação) – 'le choix périphérique' -, Quignard não apenas substitui um evento (singulativo) por um processo (iterativo) – em vez do crime, a imitação - mas elimina também o valor fundador da ordem humana (lei, moral, religião) que Freud atribuía ao mito do parricídio primevo: 'Nous n'avons jamais connu le "détachement" du règne animal et du monde naturel que nous nous supposons. Au contraire, nous avons accru l'attachement' (1995 :38).

Neste sentido, a espécie humana não advém de uma mutação implicando uma ruptura ou descontinuidade, mas de uma metamorfose, i.e., uma transição brusca de estado interno por variação contínua:

Le passage des primates à l'homme ne constitue pas une limite. Il n'y eut pas d'origine de l'homme (...) L'espèce humaine ne connut pas de mutation: ce fut la

conversion en prédatrice d'une espèce qui figurait au titre des proies et dont l'appréhension aussi bien que la férocité la fascinaient (1995:36, 37).

A predação é portanto a dinâmica que enraíza as formações culturais no substrato natural - a *physis* dos Antigos - a partir do qual emergem (morfogénese): a cultura, com os seus ritos, mitos, instituições e valores, é uma extensão ou expansão da natureza³:

Les sociétés humaines, leurs cités, leurs cultures, leurs règles matrimoniales, leurs langues, leurs techniques, leurs migrations conquérantes et leurs fins rêvées sous forme d'histoire ou de religion sont des acquis nullement coupés du donné naturel, de la dot physique, de la dot biologique. Les animaux déjà ont des parades, des chants, des modes d'association sociale, des règles, des parures, des migrations. Les sociétés humaines ne sont pas en puissance de s'émanciper de cette dotation, de cette *energeia* qui caractérise la *physis*. L'histoire (...) ne fut en aucun cas un arrachement aux amarres biologiques, ni une source de dignité particulière (1995 :34-5).

Nesta concepção morfogenética que funda o *logos* na *physis*, a linguagem, mais do que uma forma ou estrutura (*logos*), é, na sua raiz, uma força, um élan, um jacto. A letra é o órgão (1995:21) que dá conta da origem violenta da linguagem, da sua *energeia*, do fundo biológico do qual ela, letra, nunca se separou (*idem*:47). A letra é *langage 'in germine', semence originaire, germinative, substance littéraire et pathique du langage, chose littéraire (idem :30-31)*. A letra está para a linguagem como o canto das sereias está para a música: uma e outro são o que resta da pulverização dos eixos paradigmático (harmonia) e sintagmático (melodia), cuja coordenação torna possível a produção de significações. O que resta é a linguagem nua, puro gozo aquém do sentido, pregnancies asémicas, siderantes, irresistíveis. A letra é o que numa língua é intraduzível (1995:110), a sua singularidade radical. Ela é aquilo que na linguagem não é palavra, significação, comunicação; ela é coisa, mas não coisa inerte. A letra é a energia pré-linguística da linguagem, a força que faz emergir a sua forma. A letra

³ Quignard elabora uma teoria da narrativa enraizada na predação : toda a narrativa é redutível a uma sequência elementar de 3 acções, expressas nos 3 verbos de Júlio César: *veni, vidi, vici*; *ces trois verbes disent la prédation muette des fauves: poste, guet, bond (2002^a:153)*. O narrador é o assassino, o predador : contar a história *c'est avoir vaincu, survivre et être de retour. C'est revenir de la chasse avec le gibier mort en tiers, en preuve, l'histoire à narrer en plus..* Toda a história supõe um sobrevivente, por isso o tempo da narrativa é sempre o pretérito.

manifesta a linguagem não como *logos* mas como *pathos*, daí a literatura – *pathique travaillée et soutenue* - ser uma antiética (1995:64)⁴. É a letra, e não o verbo, a instância criadora. O que fazem os retóricos especulativos e os literários, e que os distingue radicalmente dos filósofos, é explorar o potencial disruptivo da letra, criando figuras-forças de estilo que exercem a violência da linguagem contra a sua própria lei e aceleram o seu fluxo, tomando o *pathos* a imagem heracliteana das forças torrentuosas. A literatura é o uso da linguagem como arma de arremesso (Quignard, 1995:67). Num texto de 2007, Quignard define a letra através da metáfora cinegética:

Qu'est-ce que la lettre ? La lettre bondit hors du rang. La ruse du chevreuil se nomme le hourvari. Le hourvari, dès lors que la bête est poursuivie par une meute de chiens, consiste à revenir sur ses pas, à piétiner son empreinte puis, d'un brusque et long bond de côté, à sortir de sa voie. (...) Le bond hors de l'expression verbale, la différentiation par rapport à la langue supposent l'écriture. (2007 :429).

Esta metáfora sustenta ainda a função asocial da letra e da escrita literária. A escrita isola a linguagem sob a forma de letras (2002:54-5) e põe em cheque a sua função de comunicação (*débrancher les circuits*). A literatura, *souci atomique des lettres* (1995:47), é desarticulação da cadeia significativa do laço social: escrever é 'déchaîner la chaîne'.

Celui qui écrit est celui qui cherche à dégager le gage. À désengager le langage. À rompre le dialogue. À désubordonner la domestication. À s'extraire de la fratrie et de la patrie. À délier toute religion. (2002:117).

A tese maior de Quignard é que, na medida em que o homem não se separou do animal, na medida em que a cultura não se emancipou da natureza (*physis*), o homem separa-se dos outros homens, isola-se da vida colectiva a que está constringido pela língua, e faz-se letra : 'il en va de chaque homme comme d'une lettre dans un mot' (2007:421). A literatura, 'mise au silence du langage', é a actividade que permite ao homem desligar-se do verbo – 'le bond hors de l'expression verbale' - para se ligar à origem, à plenitude fetal do *jadis*. Porque é escrita, a literatura permite ao homem

⁴ Em *Rhétorique Spéculative*, Quignard comenta *Du Sublime*, de Longus, e o contraste com o sublime kantiano é evidente: este está no espírito humano, aquele na natureza.

separar-se da linguagem à qual está alienado. Esta possibilidade está assente na antinomia entre oral (verbal, grupal, identitário) e escrito (letra, singular, impessoal).

Il y a dans les livres quelque chose qui cherche extrêmement - suicidairement – à se séparer de la langue parlée et de la communication orale. Très tôt la poésie chinoise ne put plus être lue à l'aide de la bouche. Il est vrai que celui qui écrit se retranche. Il approfondit son art à proportion d'une insatisfaction ou d'une difficulté à l'idée de communiquer oralement (1990:508).

E ainda :

Il n'y aura jamais de littérature orale, de roman collectif, de mythe individuel, d'histoire asymbolique. Ces notions sont contradictoires. La lettre, c'est la haine du mythe (1998 :222).

Mas se a prática literária tem uma acção libertadora, não decorre daí que tal libertação seja apaziguante ou reequilibrante. Longe de ser uma pastoral (o paraíso quignardiano é feroz, como o jardim de Fronteira), a literatura exprime o mal-estar do animal humano na linguagem: '(...) le littéraire, dans la langue acquise, c'est d'abord l'inadhésion, la séparation, l'angoisse. C'est une gêne plutôt qu'une représentation' (Lapeyre-Desmaison, 2001:191). Este mal-estar é sexual, visto que Quignard responde aqui a uma pergunta de Lapeyre-Desmaison sobre a relação do literário ao sexual: '(...) quel est le statut du littéraire face au sexuel, à la sexualité ?' (*idem :idem*).

Mais uma vez, é possível aproximar Quignard de Lacan. A convergência mais evidente situa-se ao nível da função desarticulante da letra. Lacan começa por colar a letra ao significante mas, à medida que a sua reflexão se desloca do simbólico para o real, distingue-os: enquanto elemento estrutural, o significante é pura negatividade que só existe em relação com outro significante; idêntica a si mesma, positividade, a letra rompe a cadeia significante que se atomisa num 'assemblage hétéroclite' (Lacan,1975:46). A letra indica a não-relação, logo o sexual (o sexual como não-relação, gozo sem lugar no logos, resto das articulações fálicas, o real sexual). Quando Lacan escreve 'le nom du père' como 'les non-dupes errent' está precisamente a demonstrar a acção disruptiva da letra sobre a função estruturante do significante por

excelência : é o Nome do Pai que, significando a pertença do sujeito ao grupo, lhe confere um lugar na ordem simbólica. Tal como o objecto *a*, a letra serve para dizer que a vida humana não está toda no simbólico. Mas onde Quignard se afasta de Lacan é na perspectiva naturalista. Se, em Lacan, a letra dá conta da inconsistência do simbólico, é preciso sublinhar que essa inconsistência, que releva do real, nada tem nem de natural e não é imputável a uma origem exterior ao simbólico. Mais ainda, se a letra, tanto em Lacan como em Quignard, rompe o semblante (as significações partilhadas que fazem o laço social) e se dessa ruptura se precipita o gozo (*Lituraterre*), que não é idêntico ao prazer (é um excesso, um para lá que negativiza o prazer), há que sublinhar que Quignard se demarca de Lacan pela sua concepção heracliteana, (morfo)dinâmica, vitalista : ‘La vie est une transformation continuelle qui se presse dans une hâte que rien n’interrompt’, diz o conde de Mascarenhas (Quignard, 1992:22).

Se a escrita de Quignard ‘transtorna o leitor, o crítico e o cânone’ (Rocha, 2008:127) é porque as ‘interfaces e conexões’ que estabelece tomam a forma de tensões, irregularidades e guinadas aporéticas, inesperadas e originais. Resultado da rebeldia do escritor ao espírito unitário e sistemático, o discurso de Quignard releva do *pastout* lacaniano (o escritor usa o termo *non-tout*): nenhum saber está em condições de dar conta da totalidade do real. Tal como Lacan, Quignard pensa o resto. Mas as torções teórico-epistemológicas funcionam como argumentos de uma tese. Como afirma Guilherme Massara, elas visam demonstrar algo e o estilo oracular, aforístico e veemente de Quignard remete também para esse ponto de ancoragem, ou *point de capiton*, que estabiliza e orienta o fluxo de referências heteróclitas (*idem:idem*). Num autor tão impregnado de cultura antiga como é Quignard, não admira que a orientação do seu pensamento seja de cariz naturalista (*Physis* criadora, prevalência do contínuo sobre o discreto, emergência da ordem cultural a partir do substrato natural, ontologia

comum ao homem e ao animal). A mobilização das várias teorias estruturalistas e pós-estruturalistas, também elas com orientações epistemológicas diferentes, cruza postulados do século XX e do século XXI com as produções culturais e literárias do passado, para criar entre todos estes discursos uma tensão desconfortável mas iluminadora.

Bibliografia

Lacan, J. (1966) *Écrits*, Paris, Seuil

Lacan, J. (1975) *Le séminaire XX. Encore*, Paris, Seuil

Lacan, J. (2005) *Mon enseignement*, Paris, Seuil

Lapeyre-Desmaison, C. (2001) *Pascal Quignard le solitaire*, Paris, Flohic

Lapeyre-Desmaison, C. (2004) “Pascal Quignard. Une poétique de l’agalma”, *Études françaises*, <http://www.erudit.org/revue/etudfr/2004/v40/n2/008808ar.html>

Lévi-Strauss, C. (1971) *L’homme nu*, Paris, Plon

Pautrot, J-L (2003) “Pascal Quignard et la pensée mythique”, *French Review*, 76, 4, p.752-64

Pautrot, J-L. (2004) “Dix question à Pascal Quignard”, *Études Françaises*, <http://www.erudit.org/revue/etudfr/2004/v40/n2/008811ar.html>

Pautrot, J-L. (2007) *Pascal Quignard ou le fonds du monde*, Amsterdam & NY, Rodopi

Quignard, P. (1990) *Petits Traités I*, Paris, Gallimard/Folio

Quignard, P. (1992) *La frontière*, Paris, Gallimard/Folio

Quignard, P. (1993) *Le nom sur le bout de la langue*, Paris, Gallimard/Folio

Quignard, P. (1994) *Le sexe et l’effroi*, Paris, Gallimard/Folio

Quignard, P. (1995) *Rhétorique Spéculative*, Paris, Calmann-Levy

Quignard, P. (1998) *Vie secrète*, Paris, Gallimard/Folio

Quignard, P. (1999) “L’êtreinte fabuleuse”, *Critique*, 620-621, p.186-192

Quignard, P. (2002) *Les ombres errantes*, Paris, Gallimard

Quignard, P. (2002a) *Sur le jadis*, Paris, Grasset

Quignard, P. (2005) *Sordidissimes*, Paris, Grasset

Quignard, P. (2007) 'Qu'est-ce qu'un littéraire?', *Critique*, 721-722, 2007, p.421-31

Quignard, P. (2008) *Boutès*, Paris, Galilee

Rabaté, D. (2008) *Pascal Quignard. Étude de l'oeuvre*, Paris, Bordas

Rocha, G.M. (2008) *Olho clínico. Ensaio e estudos sobre arte e psicanálise*, Belo Horizonte, Scriptum